

***A atividade turística no Vale do Pati, parque nacional da Chapada Diamantina (Bahia)***

***Tourism activity in the Pati Valley, Chapada Diamantina national park (Bahia)***

**Juliana Vieira Barbosa da Conceição Teixeira**

Mestre, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU/UNIFACS, Salvador/BA, Brasil.

E-mail: julianavbcm@gmail.com

**Renato Barbosa Reis**

Professor Titular, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano – UNIFACS, Salvador/BA, Brasil.

E-mail: renato.reis@animaeducacao.com.br

**Gabriel Barros Gonçalves de Souza**

Professor Adjunto, Programa de Pós-Graduação em Ecologia: Teoria, Aplicação e Valores – UFBA, Salvador/BA, Brasil.

E-mail: gabrielsouza@ufba.br

*Artigo recebido em: 25-05-2025*

*Artigo aprovado em: 20-10-2025*

## RESUMO

Impulsionado pelo desejo de contato com a natureza, o ecoturismo tem se expandido em diversas regiões do mundo, promovendo a conservação ambiental, valorizando a cultura local e contribuindo para o desenvolvimento das comunidades. No Vale do Pati, localizado no Parque Nacional da Chapada Diamantina (Bahia), essa atividade tem sido um catalisador de transformações socioeconômicas e ambientais, revelando uma relação complexa e positiva entre turismo e comunidade. Este artigo investiga como a atividade turística é realizada e gerida pelos diversos atores locais. Para isso, foram aplicados questionários e conduzidas análises qualitativas e quantitativas com 14 residentes da comunidade, 11 trabalhadores e prestadores de serviço, 21 guias e/ou condutores e 7 agências de turismo. Os resultados apontam para um processo crescente de autonomia e independência comunitária, construído ao longo de gerações marcadas por resistência e resiliência. As análises evidenciam as percepções e experiências desses grupos, oferecendo contribuições relevantes para a compreensão da gestão ambiental e das práticas de ecoturismo voltadas ao desenvolvimento sustentável e ao bem-estar local.

**Palavras-chave:** Turismo Sustentável. Ecoturismo. Chapada Diamantina.

## ABSTRACT

Driven by the desire for contact with nature, ecotourism has expanded across various regions of the world, promoting environmental conservation, valuing local culture, and contributing to community development. In the Vale do Pati, located within the Chapada Diamantina National Park (Bahia), this activity has acted as a catalyst for socio-economic and environmental transformations, revealing a complex and positive relationship between tourism and the local community. This article investigates how tourism activity is carried out and managed by different local actors. To this end, questionnaires were applied and both qualitative and quantitative analyses were conducted with 14 community residents, 11 workers and service providers, 21 guides and/or tour leaders, and 7 tourism agencies. The findings indicate a growing process of community autonomy and independence, built over generations marked by resistance and resilience. The analyses highlight the perceptions and experiences of these groups, offering relevant contributions to the understanding of environmental management and ecotourism practices aimed at sustainable development and local well-being.

**Keywords:** Sustainable Tourism. Ecoturismo. Chapada Diamantina.

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo cada vez mais tem se tornado uma atividade econômica significativa na sociedade moderna, por gerar emprego e renda, além de movimentar o comércio formal e informal nos locais onde se desenvolve (Maranhão; Azevedo, 2019). O fenômeno turístico

pode ser compreendido como um sistema que possui o funcionamento de suas individualidades, bem como totalidades integradas (Fratucci; Moraes; Allis, 2015). Dessa forma, o turismo demonstra-se como um instrumento balizador para o processo de desenvolvimento regional, principalmente no que tange às questões de sustentabilidade (Sampaio; Dallabrida, 2008), e isto é possível quando os pilares do seu planejamento proporcionam, tanto para o turista quanto para comunidade local, a satisfação de suas necessidades ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro (Organização Mundial do Turismo - OMT, 2003).

O conceito de ecoturismo surgiu na década de 1970 como um resultado do movimento preservacionista, com foco inicial na preservação da natureza (Andrade, 2014). No Brasil, essa conscientização se intensificou a partir dos anos 1980, levando ao início do ecoturismo. Esse movimento não apenas buscou a apreciação e conservação do meio ambiente, mas também seguiu a tendência mundial de envolver as populações locais nas ações de turismo, beneficiando diretamente essas comunidades (Lindberg; Hawkins, 1995; Rodrigues, 1997; Brasil, 2007; Beni, 2007; Magri *et al.*, 2019).

De acordo com a *World Wide Fund for Nature* (WWF, 2007), o ecoturismo que ocorre em áreas naturais pode ser gerido e controlado pelas comunidades locais, proporcionando benefícios principalmente para essas comunidades e para a conservação da biodiversidade. Esse tipo de turismo busca unir conservação e conscientização por meio de viagens sustentáveis. A *The International Ecotourism Society* (TIES ou *The International Ecotourism Society*) (OECD. Acesso em 25/01/2023.) destaca que, quando bem executado, o ecoturismo pode trazer inúmeros benefícios tanto para o meio ambiente quanto para a sociedade anfitriã, minimizando os impactos ambientais.

Outro ponto fundamental está associado à cultura, pois para a comunidade residente o turismo traz oportunidades de emprego e renda, podendo incluir apresentações, artesanato e culinária local, por exemplo, e suscitando através da paisagem e da beleza cênica a valorização estética.

Outro aspecto essencial é a valorização da cultura local, já que o turismo gera emprego e renda para a comunidade, por meio de atividades como apresentações artísticas, produção de artesanato e culinária típica. Além disso, a paisagem e a beleza natural do lugar despertam um olhar mais sensível para a estética e o cuidado com o ambiente. Para OMT (2003), o ecoturismo é visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida. Segundo

Lemos (1996, p. 151), o ecoturismo é "a rede de serviços e facilidades oferecidas para a realização do turismo em áreas com recursos turísticos naturais, sendo considerado também um modelo para o desenvolvimento sustentável da região".

Dessa forma, o ecoturismo se concretiza por meio da interação sustentável com o ambiente (OMT, 2003). Com base nessa premissa, o termo ecoturismo, introduzido no Brasil na década de 80, proporciona contato direto com experiências em ambientes naturais, explorando o potencial turístico ao proporcionar vivências e conhecimentos dos aspectos culturais e ambientais locais. Assim, o ecoturismo fundamenta-se nos pilares da interpretação, conservação e sustentabilidade (BRASIL, 2008, p.42). É também considerado uma das modalidades de turismo mais indicadas para fomentar o desenvolvimento de áreas rurais ou periféricas do planeta (Spinola, 2005, p.95).

A prática do ecoturismo exercido no Vale do Pati, na região Chapada Diamantina, é muito específica e se destaca pelo jeito acolhedor de uma comunidade tradicional<sup>1</sup> (Marback, 2018), habitada por descendentes da época áurea do café, na década de 1940, e que atualmente se sustenta e preserva seus costumes por meio da atividade turística, em especial o ecoturismo. O Vale do Pati é considerado uma comunidade tradicional porque seus moradores mantêm um modo de vida fortemente enraizado na história, na cultura local e na convivência sustentável com o ambiente natural. Maranhão e Azevedo (2019, p.13) destacam que o ecoturismo, em sua base conceitual, fundamenta-se a partir do viés da sustentabilidade, que se conecta por meio das interfaces ambientais, educacionais, econômicas e colaborativas.

Sob essa perspectiva, o Turismo de Base Comunitária (TBC) surge como uma abordagem complementar por se tratar de uma modalidade que valoriza o protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade turística, promovendo inclusão social, fortalecimento cultural e distribuição equitativa dos benefícios gerados pelo turismo (Fratucci *et al*, 2023), onde o envolvimento direto dos moradores na recepção e condução dos visitantes fortalece os vínculos identitários e a autonomia comunitária. Com relação ao turismo regenerativo, se aprofunda no debate sobre sustentabilidade ao propor não apenas a mitigação

---

<sup>1</sup> A definição de comunidade tradicional encontrada no Artigo 3º do Decreto Federal nº 6.040 é: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASI, 2007).

de impactos negativos, mas a restauração dos ecossistemas e o reequilíbrio das relações sociais e culturais fragilizadas pela atividade turística (Pereira *et al.*, 2024).

Nesse contexto, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que forma a atividade turística no Vale do Pati, inserido em Unidade de Conservação de Proteção Integral, tem sido realizada e gerida pelos diferentes atores locais? Por se tratar de uma comunidade que antecede a criação do Parque e que faz parte da Unidade de Conservação de Proteção Integral, o objetivo deste estudo foi investigar como a atividade turística é realizada e gerida pelos atores envolvidos na região de estudo.

A pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem metodológica mista, visando compreender as múltiplas dimensões da atividade turística no Vale do Pati. Foram utilizados questionários específicos para cada grupo de participantes, permitindo a coleta de dados tanto objetivos quanto subjetivos. A combinação de técnicas quantitativas e qualitativas buscou garantir a representatividade dos dados e a profundidade das análises, especialmente no que se refere às percepções dos atores envolvidos.

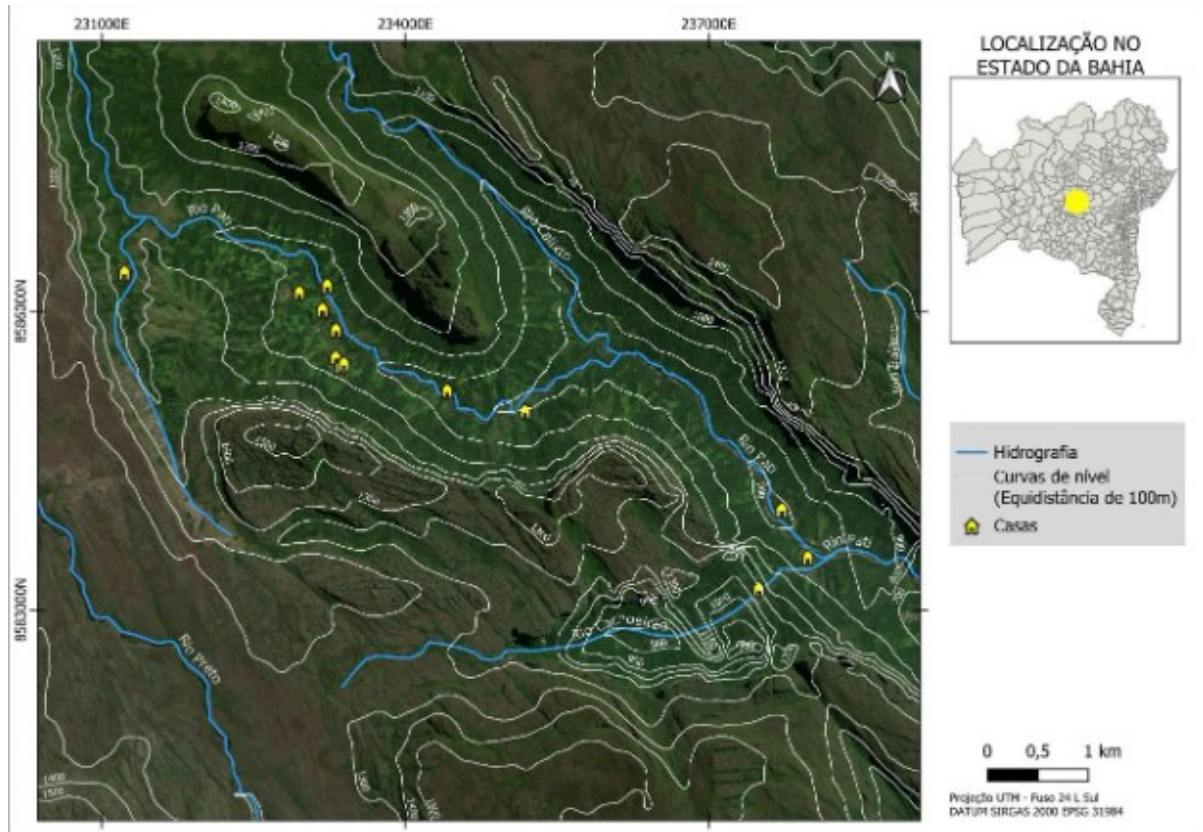
## 2. MATERIAL e MÉTODOS

### 2.1 Local de estudo e população

Localizado geograficamente no centro do estado da Bahia, identificado através das coordenadas geográficas, o Vale do Pati possui cotas altimétricas que variam de 800m a 1.400m de altitude (Mapa 1).

### Mapa 1

*Topografia, Hidrografia e Distribuição das residências no Vale do Pati, Bahia*



**Fonte:** Imagem google satélite, 2025; curvas de nível (linhas brancas) geradas a partir de Modelo Digital de Elevação (MDE) da imagem Shuttle Radar Topography Mission (SRTM) disponibilizada pelo projeto TOPODATA do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Hidrografia (linhas azuis) disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaboração própria dos autores.

A população de estudo foi estratificada em quatro grupos distintos: A, B, C e D sendo respectivamente, População residente no Vale do Pati, Trabalhadores e prestadores de serviço, Guias e ou condutores e agências de turismo (Quadro 01). Para cada grupo foi desenvolvido e aplicado questionários específicos. Para o efeito de garantir o anonimato dos participantes da pesquisa os residentes foram nomeados como Residente 01, 02 de acordo as ordens de respostas seguindo a mesma lógica para Trabalhador 01, 02 e Guia 01, 02 e assim por diante.

**Quadro 1**

Descrição do método de aplicação dos questionários por segmento de população.

GRUPO	DESCRIÇÃO DO GRUPO	CRITÉRIO DE INCLUSÃO	MÉTODO DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	TOTAL
A	Residente do Vale do Pati	Ser o responsável ou “chefe” da casa.	Presencialmente, visitando cada casa dos patizeiros.	14
B	Trabalhadores e prestadores de serviços envolvidos em diversas atividades, como tropeiros, ajudantes de serviços gerais, desde a manutenção das casas, limpeza e organização dos ambientes e na atuação da cozinha.	Trabalhar como prestador de serviços de forma independente ou por convite da casa do <u>patizeiro</u> .	Em campo durante visitas às residências no Vale do Pati e no distrito de Guiné.	11
C	Guias e/ou condutores.	Atuar como guia e/ou condutor de turismo no Vale do Pati.	Por meio da metodologia <i>snowball</i> ou “Bola de Neve”, (ocorreu tanto o método de amostragem não probabilístico usado para alcançar populações de difícil acesso), campo quanto através de ligações ou mensagens via <i>WhatsApp</i> .	21
D	Agências de turismo com cadastro ativo no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur).	Oferecer pacotes turísticos para o Vale do Pati.	Contato telefônico ou ligação via <i>WhatsApp</i> .	07
<b>Total de questionários aplicados: 53</b>				

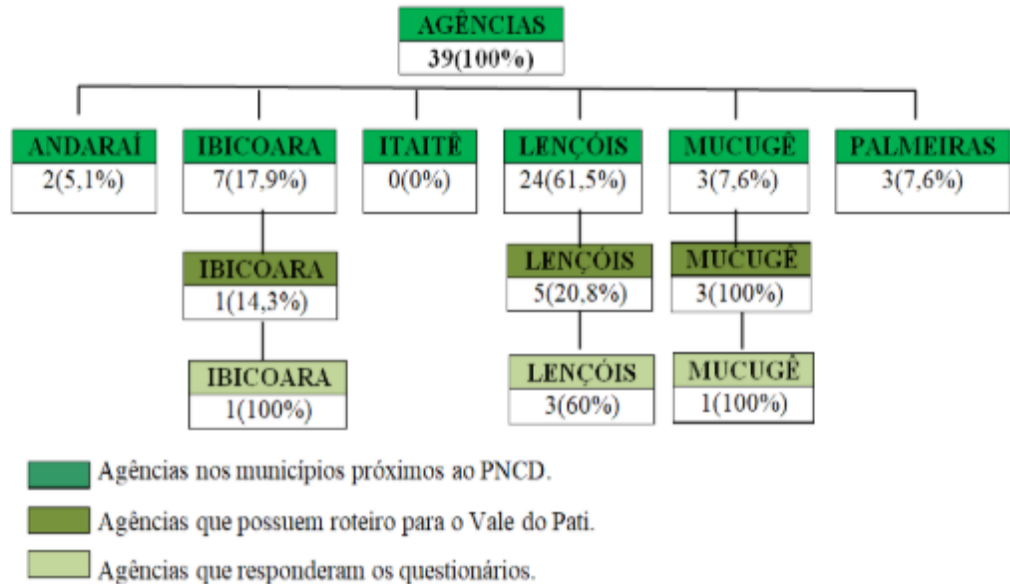
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No intuito de caracterizar o trabalho turístico através das agências de turismo, foram selecionadas trinta e nove agências na base do sistema do Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), do site do Ministério do Turismo. O critério de seleção das agências foi por estarem localizadas nos municípios limítrofes com o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD - Andaraí, Ibicoara, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras). O contato foi realizado por ligação telefônica, site, e redes sociais (*Instagram e WhatsApp*), com o foco de selecionar apenas as agências que têm roteiro para o Vale do Pati. Esses contatos foram realizados nas três primeiras semanas do mês de setembro do ano de 2023, com três tentativas de ligações em dias alternados e, quando não havia retorno, buscou-se contato nas redes sociais. Do total de 39 agências, de 27 (69%) não foi obtido retorno (ligação indo direto para caixa postal e nas redes sociais sem continuação de diálogo), 05 (13%) agências não fazem roteiros

para o Vale do Pati e 07 (18%) agências realizam roteiros para o Vale do Pati e se prontificaram para responder os questionários Figura 01.

**Figura 1**

*Fluxograma de seleção das agências entrevistadas na pesquisa*



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2023).

## 2.2 Análise de dados

Os dados foram digitados em banco de dados elaborados no domínio público *Epi info* versão 7.2.4.0 ([cdc.gov/epiinfo](https://cdc.gov/epiinfo)). Dos dicotômicos e categóricos foram analisados através de frequências e dados contínuos ou de contagem foram analisados através de medidas de tendência central e dispersão. Escala de *Likert* e nuvens de palavras (<https://www.jasondavies.com/wordcloud/>) foram utilizadas para analisar a percepção dos entrevistados. A localização dos atrativos turísticos foi mapeada receptor GPS (Garmin E-trex) tendo como referência geodésica o Datum SIRGAS 2000, e a projeção UTM fuso 24 L Sul, e georreferenciados sobre imagem do Google Satélite (complemento HCMGIS) no *software* QGIS 3.34.11.

A topografia foi representada a partir de Modelo Digital de Elevação (MDE) da imagem Shuttle Radar Topography Mission (SRTM) disponibilizada pelo projeto TOPODATA do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). A partir do MDE foram geradas curvas de nível com equidistância de 100 metros e a rede hidrográfica foi obtida a partir da base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em escala 1:100.000.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Ecoturismo: trilhas do Vale do Pati

As distâncias para percorrer o Vale do Pati variam entre três e seis dias, passando por quatro núcleos urbanos: Andaraí, Mucugê, Vale do Capão e Guiné, considerados as portas de entrada para o Pati. A única forma de acesso é a pé, o que o caracteriza como um destino de trilhas de longa caminhada (Folmann, 2021).

Devido a essa característica, a atividade turística no Vale do Pati exige esforço físico, pois é necessário ter disposição para subir e descer montanhas a pé, enfrentando ainda condições climáticas adversas. As trilhas do Pati são comparadas às trilhas incas de Machu Picchu (Peru) e às dos peregrinos de Santiago de Compostela (Espanha), sendo consagradas como algumas das mais conhecidas no circuito nacional de trekking, com alto nível de dificuldade (Cezar, 2011; Almeida; Suguio; Galvão, 2012; Magri *et al.*, 2019).

Com base no conceito de ecoturismo, o Vale do Pati localizado no centro do PNCD constituiu-se como área pioneira de povoamento e vivenciou transformações socioeconômicas e ambientais decorrentes da prática turística (Spínola, 2005). De acordo com relatos de campo, a chegada dos turistas começou a ocorrer na década de 1990. Essa percepção é evidenciada pelas falas dos residentes: “Seu Eduardo foi o primeiro a cobrar pela estadia desses visitantes e incentivou os demais moradores; na época, começou cobrando R\$ 5,00 por pessoa” (Residente 14); e “arrumamos o galpão onde antes colocávamos bananas para atender ao turista, e daí o turista foi chegando” (Residente 02).

Segundo Folmann (2021), a necessidade de pernoite tem se mostrado uma ferramenta importante para a conexão entre as Unidades de Conservação (UCs), contribuindo, de certa forma, para a proteção ambiental e para a geração de emprego e renda na comunidade local, por meio da atividade turística.

Embora o turismo tenha demorado a se firmar, no início da implementação do PNCD, a prática do ecoturismo foi alvo de resistência. As trilhas do Pati chegaram a ser eleitas entre as melhores do ecoturismo no Brasil, tornando-se um dos roteiros mais procurados da Chapada Diamantina (Spínola, 2005; Magri *et al.*, 2019).

A permanência de moradores em UCs é contrária às regras estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Assim, atividades como: plantar,

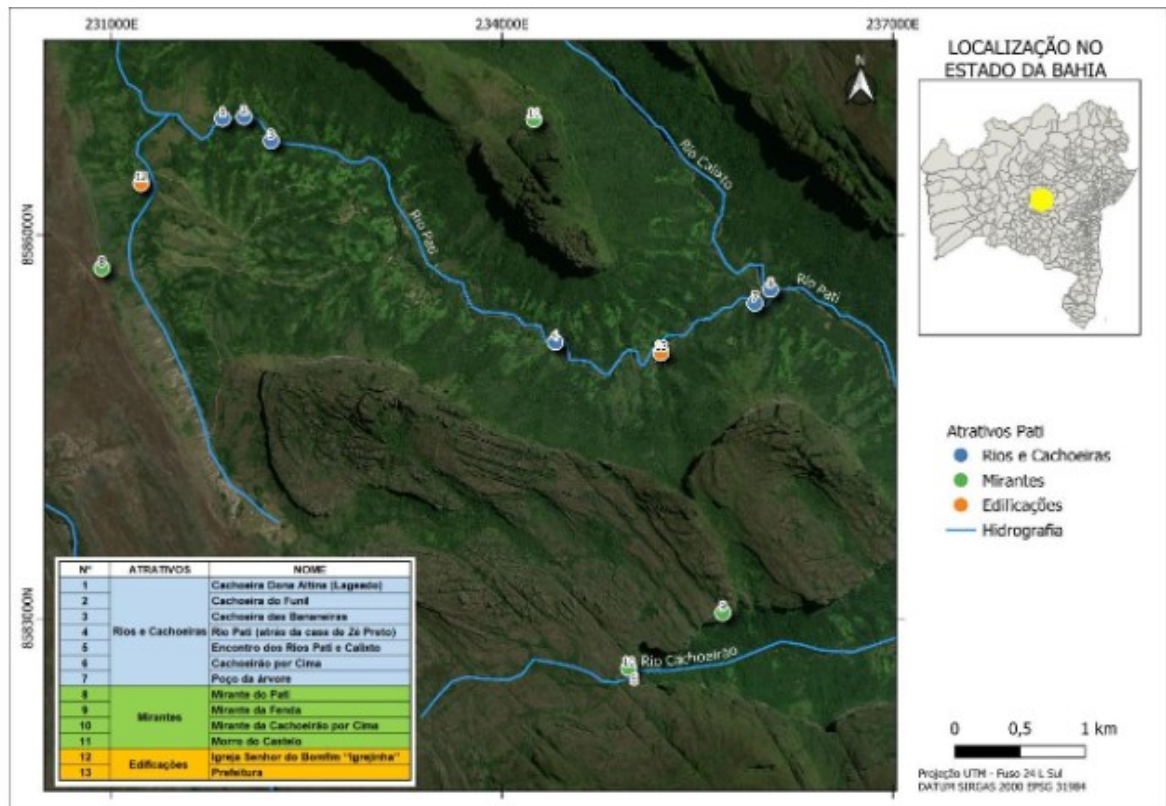
caçar, criar animais de pequeno porte são proibidas. No entanto, a ocupação humana no Pati é anterior à criação do parque, o que representa um grande impasse para a comunidade. As restrições impostas levaram muitos moradores a deixarem o local em busca de novas formas de subsistência. O Guia 02 relatou que, quando tinha quatro anos de idade, seus pais precisaram sair do Pati e mudar-se para Guiné de Baixo, em busca de melhores condições de vida, já que não podiam mais cultivar. Atualmente, a população possui um Termo de Consentimento (TC) e segue as orientações acordadas com o órgão gestor, o que permite a permanência na comunidade.

Diante das restrições, o trabalho com o turismo tornou-se a principal alternativa de geração de renda para os residentes que decidiram permanecer em suas terras. O Residente 13 relata que seu pai dizia: “as terras são dele, compradas com o suor do seu trabalho, e que do Pati ele não sairia” e eles permanecem lá até hoje.

As trilhas de acesso para o Vale do Pati Mapa 02 são as mesmas usadas da época em que se escoava o café do Pati e seus roteiros são cheios de histórias do local e com paisagens exuberantes por vales escarpados e platôs Mata Atlântica em estágio secundário composto por mirantes (Mirante do Pati e Cachoeirão por cima), cachoeiras (Funil e Dona Altina), rios (Calixto e Rio Preto), caverna (Morro do Castelo rara caverna de altitude), e o som do canto das arapongas ave local. Após o dia de trilha, a alternativa é pernoitar em uma das casas dos nativos ou acampar em uma das áreas preparadas para esta prática.

**Mapa 2**

*Mapa dos principais atrativos turísticos no Vale do Pati*



**Fonte:** Imagem google satélite, 2025; Hidrografia (linhas azuis) disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Localização espacial dos atrativos levantamento de campo em setembro de 2023. Elaboração própria dos autores.

Pensando o Ecoturismo como alternativa econômica para uma região turística entendida como um território deve-se compreender esse segmento, primeiramente, como uma forma de promover a conservação e a valorização dos recursos ambientais e turísticos (Brasil, 2008, p.42) bem como o modo de vida local. As trilhas do Pati são realizadas entre três e seis dias e requer a participação da comunidade desde a elaboração, execução até a sua finalização. São vendidas em pacotes de agência ou diretamente com um guia local, responsável não só pelo percurso, mas também pelo pernoite nas casas dos patizeiros, que estão preparados para receber o turista de forma acolhedora (Marback, 2018; Folmann, 2021).

**3.2 O trabalho turístico no Vale do Pati**

Ao perceber que o Vale do Pati já tinha vocação para o turismo, os residentes que resistiram por sua permanência, abrem as portas para acolher os primeiros turistas que chegam ao Pati não apenas para apreciar as belezas naturais, mas também para conhecer o modo

patizeiro de se viver (Marback, 2018) como foi enfatizado na fala (Residente, 13) “De 2002 para cá, o turismo de fato foi aumentando e se tornou a nossa principal fonte de renda”.

Foi perguntado para os grupos de entrevistados, na percepção deles, qual o maior motivo para os turistas escolherem o Vale do Pati como destino, e as respostas foram as mais variadas possíveis, destacando-se: lugar, *trekking*, beleza cênica e atrativos (Figura 02).

**Figura 2**

*Percepção dos residentes sobre os motivos que levam o turista ao Vale do Pati. (Cada respondente pode atribuir mais de uma opção”)*



**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023).

A imagem (Figura 2) reúne as percepções dos quatro grupos envolvidos com o turismo no Vale do Pati residentes, trabalhadores, guias e agências revela a pluralidade de sentidos atribuídos ao território. Enquanto os residentes destacam elementos como “cachoeiras”, “natureza” e “beleza natural”, evidenciando uma conexão afetiva e identitária com o lugar, os trabalhadores e guias enfatizam termos como “*trekking*”, “trilha” e “beleza cênica”, apontando para o potencial comercial e experiencial da paisagem. Já as agências de turismo pontuaram as dimensões como “espiritual”, “desafio” e “nativos”, sugerindo uma narrativa que valoriza tanto o exotismo quanto a autenticidade cultural. Essa diversidade de perspectivas reforça que o turismo no Pati não é apenas uma atividade econômica, mas um fenômeno complexo que envolve memória, identidade, atividade econômica e experiência sensorial. A valorização do

“modo patizeiro de se viver” emerge, assim, como um diferencial simbólico que transforma o visitante em participante de uma vivência singular.

### 3.2.1 O turismo na perspectiva do residente

Com a chegada dos turistas, as casas dos patizeiros passaram a acolher os turistas, tornando-se a alternativa de sobrevivência após a implementação do PNCD (Spínola, 2005; Marback, 2018). Os donos das casas afirmam que a vida mudou para melhor e relataram que:

“A vida antes da chegada dos turistas não era fácil, o trabalho com a roça era pesado, faziam farinha e tudo que produziam vendiam nas feiras principalmente na cidade de Andaraí, nem sempre vendiam o que produziam e acabavam fazendo troca por outros produtos” (Residente 01).

“De 30 anos para cá, acabou com a roça, o pouco que planto é para não faltar nada em casa e comecei a me dedicar à atividade turística. Hoje, o Pati ganhou evidência internacional, por conta das pessoas de fora que vêm aqui e botam na internet e nos programas da televisão” (Residente 13).

Das 14 casas visitadas, 01 passou a receber turistas mais recentemente, em média há um ano. No entanto, o dono da residência já trabalhava nas tarefas para o atendimento ao turista. A maioria dos patizeiros (64,29%) afirmam que preferem trabalhar com o turista, pontuando em suas falas que: “Devido a todo progresso que o turismo proporcionou para o Pati, preferem trabalhar com o turismo, e as atividades da roça são para complementar a alimentação” (Residente 05).

No total, atualmente 13 casas trabalham com o atendimento ao turista. As casas têm entre 05 e 29 cômodos, mas nem todos estão disponíveis para uso dos turistas. Têm de 01 a 08 banheiros, e em geral, são de uso coletivo e externo às casas. Em virtude das regras impostas pelo parque, o acampamento<sup>2</sup> é proibido, sendo permitida essa prática apenas nos espaços disponíveis pelas casas dos patizeiros, que no total 09 delas dispõem desse espaço com local específico para montagem das barracas, opção de cozinha e banheiros coletivos conforme pode ser observado na Tabela 01.

---

<sup>2</sup> Conforme previsto no item 4.6 - Normas Gerais do Parque Nacional da Chapada Diamantina do Plano de Manejo, o pernoite de visitantes só é permitido nas áreas para acampamento determinadas e em conformidade com as demais regras do Parque e com o agendamento da atividade.

A quantidade de turistas que os patizeiros conseguem atender é incerta, os residentes só enfatizaram nas suas falas que: “este número varia conforme os meses do ano hoje quem sabe dizer são os meus filhos que fazem as reservas” (Residente 02), “Os meses com feriados prolongados, período férias e com datas festivas de carnaval e Semana Santa temos mais turistas” (Residente 04) e que “turista não faltam, temos que estar com os quartos sempre arrumados” (Residente 14).

Os residentes também apontaram que o mês de novembro é o que mais recebe turistas, 100%, seguido de janeiro 78,57%, dezembro e fevereiro 50%. Com relação ao número de turistas que cada casa recebe, não é exato, pois não há registro de controle nas casas e nem controle de acesso ao parque por parte do órgão gestor. Em apenas uma das casas há um caderno em formato de planilhas simples com perfil de comanda sem muitos detalhes sobre controle de gastos por pessoas ou grupo.

**Tabela 1**

*Perfil dos espaços disponíveis atualmente para o atendimento ao turista no Vale do Pati, Chapada Diamantina, Bahia*

<b>Características de hospedagem</b>	<b>n ou média</b>	<b>(%) ou Min-Max</b>
Total de cômodos na casa	12,5	05-29
Total de cômodos disponíveis para os turistas	8,5	00-21
Total de banheiros	04	01-08
Casas com espaço para camping	09	(64,29)
Quantos turistas atende na área de camping*	36	01-74
Quantos turistas consegue atender Mês*	57	15-99
Quantos turistas consegue atender Ano*	360	180-999
Turistas Brasileiros (a cada 10 atendidos) *	3,5	01-07
Turistas Estrangeiros (a cada 10 atendidos) *	3	00-06

**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023). \*Não há registros feitos pelos residentes valores correspondem a estimativas fornecidas durante a coleta de dados.

Ressalta-se que saber o quantitativo de pessoas que frequentam as casas de comunidades que trabalham com o turismo é de extrema importância para a atividade turística (Fratucci, Moraes e Allis 2015), e no caso do Vale do Pati, uma vez que a coleta de informações é necessária para controle da capacidade máxima de ocupação nas residências, além de desempenhar um papel fundamental para a gestão e planejamento do parque.

A quantidade de turistas por casa é desigual e varia bastante. A forma de se hospedar em uma das casas dos nativos é mediante contato prévio com agências de turismo e/ou guias.

O fluxo funciona da seguinte forma: o turista entra em contato com uma agência e/ou guia, que elabora um roteiro de visita conforme os objetivos e o perfil do turista, fazendo as reservas nas casas disponíveis. É necessário o acompanhamento de um guia local autorizado para realizar o percurso.

Quanto ao número de turistas, 92,86% dos residentes afirmam que ele deve se manter, pois segundo os residentes, trabalho é o que não falta. No entanto, não há um número exato de turistas por casa. Além disso, observa-se uma preferência por determinadas casas para hospedagem dos turistas e os próprios residentes acreditam que as oportunidades deveriam ser distribuídas de forma mais equitativa entre todas as casas.

Com relação ao tipo de turismo exercido no Vale do Pati, os residentes 72,72% consideram o Turismo de Base Comunitária TBC, porém não sabem explicar o que seja TBC, eles afirmam que é por conta da comunidade, das casas dos patizeiros e do atendimento diferenciado. Na percepção dos residentes, um dos motivos de os turistas escolherem o Vale do Pati como destino é o lugar.

Quanto aos treinamentos, foi perguntado se o órgão gestor do PNCD oferece cursos para atendimento ao turista. A maioria dos residentes 92,86% afirmou nunca ter participado de nenhum curso e não sabe se esses cursos são oferecidos. Além disso, os residentes informaram que, mesmo que existam cursos, eles não são divulgados adequadamente. Eles também mencionaram que não têm interesse em participar desses treinamentos.

O número de pessoas que trabalham com os patizeiros varia em média de 01 a 03 trabalhadores, prevalecendo 63,64% com o sexo masculino. Cabe destacar que esse trabalhador tem algum grau de parentesco e normalmente fica direto na residência, não havendo um regime de trabalho e, quando é mês ou período de maior movimento, contratam mais ajudantes para trabalhar durante aquele período apenas.

Os residentes pontuaram que o período pós-Pandemia de COVID-19, trouxe mais pessoas que se interessam por locais de reconectar consigo e com a natureza, no entanto, não há estudo que comprove estes relatos e se não há registro de controle de entrada e de saída de pessoas do Vale do Pati ficando assim apenas na percepção no aumento ou diminuição do trabalho.

### 3.2.2 O turismo na perspectiva do prestador de serviço

No total, foram aplicados 11 questionários aos trabalhadores que realizam diversas funções no Vale do Pati. Em média, esses trabalhadores têm 15 anos de experiência na região. Todos os respondentes afirmaram gostar de trabalhar no local, principalmente pela paixão pelo que fazem e pela constante troca de aprendizado. O mês de maior movimento turístico é janeiro, com atendimento a 90,91% dos turistas, seguido por fevereiro e dezembro, ambos com 54,55%, e julho, com 45,45%. Apenas 27,27% dos participantes relataram ter participado de treinamentos, sendo o último realizado em 2019.

Em relação à capacitação, 72,73% mencionaram a falta de tempo ou desconhecimento das oportunidades como razões para não frequentarem cursos ou treinamentos oferecidos pelo órgão gestor para atendimento a turistas. Sobre o entendimento do Turismo de Base Comunitária, 54,54% acreditam que é um tipo de turismo que preserva a identidade da comunidade, sendo esta a protagonista. Dessa forma, a dedicação dos trabalhadores locais, bem como a necessidade de novas oportunidades de capacitação e conscientização sobre práticas turísticas sustentáveis, serve para fortalecer o desenvolvimento e a preservação da região.

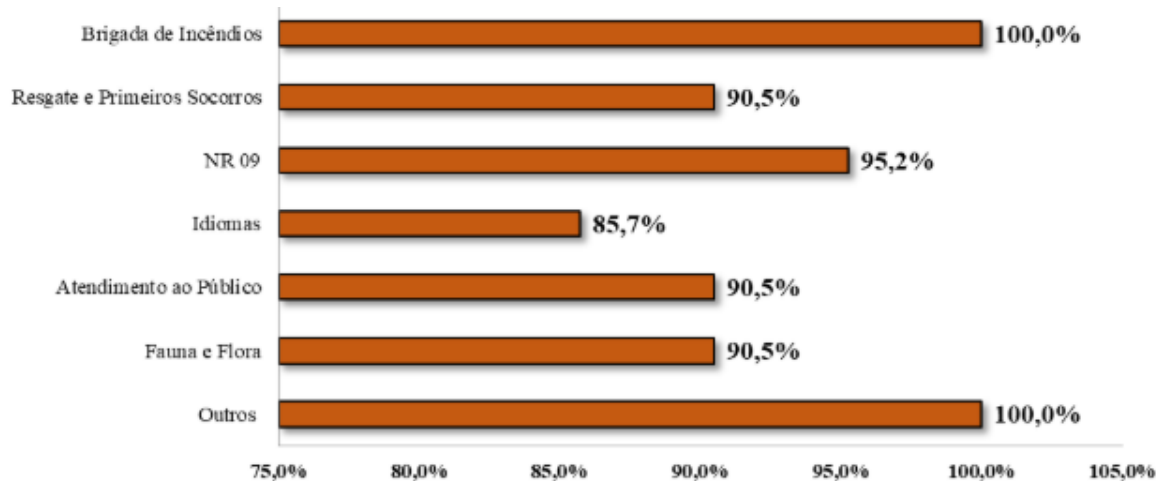
### 3.2.3 O turismo na perspectiva dos guias e/ou condutores

De modo geral os guias e condutores de turismo compreendem que precisam estudar para oferecer um serviço de qualidade, além de garantir a segurança dos turistas e demonstrar profissionalismo em sua área de atuação. Foi perguntado quais cursos/formação/treinamentos os(as) guias e ou condutores acham que deveria ser ofertado por parte do órgão gestor do PNCD. Entre os 21 respondentes dos questionários aplicados, os temas relevantes para formação, treinamentos e cursos, tem uma inclinação positiva em relação à consciência de estudos que aprimoram as suas respectivas funções, para os temas de brigada de incêndios, resgate e primeiros socorros, Programa de Prevenção de Riscos Ambientais NR09, idiomas, atendimento ao público, fauna e flora, conforme Gráfico 01 assim como houveram sugestões de outros temas como (base de fundamentos do parque, resgate aquático e de áreas remotas, curso de formação de base principalmente desde a escola, educação ambiental, ética, fotografia, geologia, clima, resgate de animais peçonhentos). Percebe-se que as sugestões são conforme a necessidade que os guias sentem no seu dia a dia.



### Gráfico 1

*Temas sugeridos como necessários ou relevantes na perspectiva dos guias e/ou condutores*



**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023). \*Os percentuais mencionados se referem ao fato de que cada respondente teve a oportunidade de mencionar mais de uma opção, assim como mencionar outros.

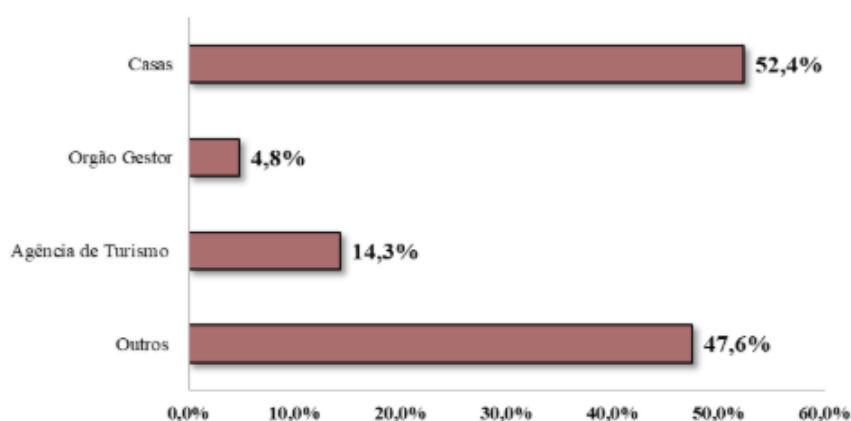
Para desempenhar a função de guia, 38,10% dos respondentes destacam a existência de pré-requisitos. Normalmente, começam ajudando os guias mais experientes e vão se aprimorando até ficarem aptos. Eles mencionam a necessidade de possuir um curso de Competência Mínima de Conductor CMC, participação em trabalhos voluntários, conhecer o local, fazer parte de uma associação e ser nativo como condições essenciais para atuar como guia no Vale do Pati. Além disso, afirmam que esses cursos foram conduzidos pelo órgão gestor do PNCD, “o currículo das escolas deveria incluir atividades voltadas para o trabalho turístico, além de ofertar melhores aulas de inglês, educação ambiental, primeiros socorros, educação financeira e geologia” (Guia 01). Alguns guias que responderam ao questionário não conseguem recordar ou fornecer informações sobre o curso específico realizado, ou o período do último curso. Enquanto, 33,23% apontaram o ICMBio como o órgão responsável pela formação, treinamentos e cursos destinados aos guias.

Além de atuarem como guias, 90,48% dos trabalhadores também desempenham a função de brigadista. Em geral, eles ressaltam que, embora seja um trabalho arriscado e voluntário, sem garantias, realizam essa tarefa por amor ao local, “Faltam garantias; é um trabalho voluntário” (Guia 02). Esse sentimento de pertencimento se reflete nas suas respostas, nas quais se veem como defensores do meio ambiente e cuidadores de um patrimônio valioso.

Apesar de atuarem de forma autônoma, atendendo às demandas das agências, os guias destacaram que a principal maneira pela qual os turistas reservam seus serviços é pelo *WhatsApp*, representando 80,95%, e por meio das redes sociais, 71,43%. Os meses de maior demanda para guiar no Pati são: janeiro, com 80,95%, julho, com 66,67%, e dezembro, com 38,10%. Entretanto, os guias também enfatizam a importância das indicações para manter um ciclo contínuo de visitas ao Vale do Pati. No que diz respeito ao controle de visitantes\*, 52,38% consideram a disponibilidade de atendimento nas casas dos patizeiros, 14,29% atribuem à agência de turismo, e 4,76% afirmam que é determinado pelo órgão gestor do parque. Além disso, 47,56% indicam outras formas de controle, como normas técnicas, orientações das associações, e alguns afirmam que não há regras estabelecidas (Gráfico 02).

### Gráfico 2

*Controle de visitantes no Vale do Pati*



**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023). \* Os percentuais apresentados se referem ao fato de que cada respondente teve a oportunidade de indicar mais de uma opção assim como mencionar outros.

Ao serem questionados se consideram o turismo no Vale do Pati como Turismo de Base Comunitária (TBC), aproximadamente 61,88% dos guias responderam positivamente, ressaltando a presença ativa da comunidade. Entre os motivos apontados para a escolha do Pati como destino, destacaram-se as belezas naturais, os desafios da caminhada e a oportunidade de praticar trekking. Esse resultado se aproxima do que afirmam Irving, Moraes (2019, p. 16) ao definirem o TBC como a prática que busca harmonizar o compromisso de conservação da biodiversidade, com a afirmação do direito de povos e populações tradicionais e, também, com aquele dirigido à inclusão no plano da redistribuição de renda e oportunidades, além do reconhecimento e aceitação social.

Também foi perguntado se conheciam o conceito ou a prática do Turismo Regenerativo<sup>3</sup> e 80,95% afirmaram não estar familiarizados, enquanto 19,05% declararam já ter ouvido falar sobre essa modalidade de turismo e acreditam que ela poderia contribuir para a preservação do Vale do Pati. Esses resultados apontam um caminho promissor para integrar novas práticas de sustentabilidade e reforçar a valorização da comunidade local no desenvolvimento turístico da região. Nesse sentido, conforme apontado por Pereira, *et al.*,(2024, p. 97) o Turismo Regenerativo visa criar um impacto positivo em todas as partes interessadas envolvidas no setor de turismo.

### 3.2.4 Percepções sobre a infraestrutura do Vale do Pati

Considerando que a atividade turística no Vale do Pati expandiu gradualmente, resultando em uma crescente pressão sobre infraestruturas essenciais como água, saneamento, energia e comunicação, os desafios para acomodar um aumento no fluxo de visitantes foram significativos. Além de mitigar os impactos dessa demanda crescente, os investimentos em melhorias foram realizados pelos próprios moradores em suas residências para atender ao turista. Esses esforços não apenas ajudaram a fortalecer a infraestrutura local, mas também demonstraram o comprometimento da comunidade em promover um turismo sustentável e responsável, preservando assim a beleza e a qualidade ambiental do Vale do Pati para as gerações futuras.

Foi perguntado aos quatro grupos o grau de satisfação em relação às percepções sobre o Vale do Pati, e as respostas indicaram uma tendência positiva quanto às questões de esgoto e água. Embora não haja disponibilidade de água tratada, a comunidade utiliza água proveniente de nascentes preservadas e não há esgoto a céu aberto, pois cada residência possui fossas. Atualmente, observa-se uma mobilização entre os moradores e o poder público para a implementação de um projeto de saneamento em parceria com o órgão competente. No entanto, devido às limitações logísticas e ao material já disponível, o transporte até o interior do Pati torna-se inviável, mesmo com o esforço coletivo da comunidade.

---

<sup>3</sup> “[...] as oportunidades oferecidas pelo turismo regenerativo são vastas e multifacetadas. Através da colaboração ativa, da inovação tecnológica e do respeito pelas tradições culturais, o turismo regenerativo no Brasil pode se tornar um motor poderoso para o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo, em que oferece experiências transformadoras e autênticas para os turistas e enriquece as comunidades locais” Pereira, *et al.*, (2024, p. 102 e 103).

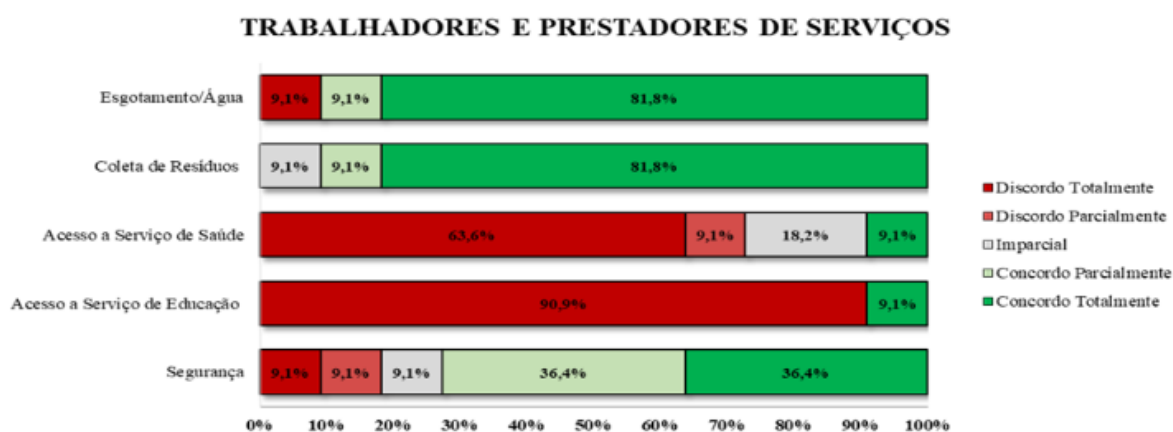
No tocante à coleta de resíduos sólidos, os residentes, os trabalhadores e os guias expressam uma inclinação positiva. São eles que fazem o serviço de retirada do lixo de dentro do Pati, entretanto os guias destacaram aspectos negativos, mencionando que não há ações de apoio dos órgãos responsáveis como, por exemplo, a coleta seletiva, um local para pesagem e armazenamento adequado para resíduos recicláveis, estímulo para produção de compostagem, para a retirada e destinação adequada dos resíduos não recicláveis.

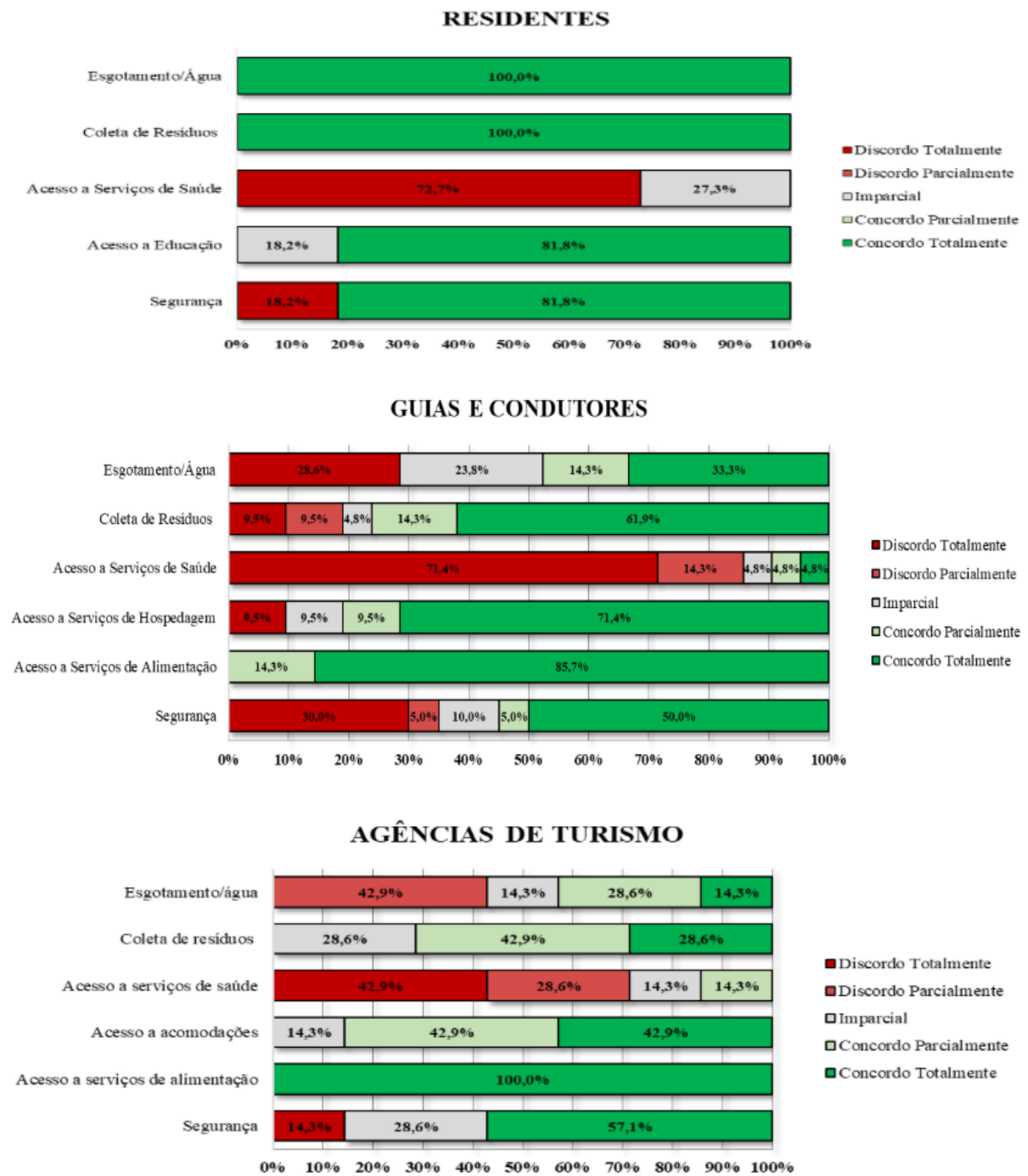
Os residentes destacaram positivamente o acesso a serviços educacionais; no entanto os trabalhadores expressam uma tendência negativa, destacando a inexistência de escolas no Pati. O fato é que os filhos e netos dos patizeiros estudam fora da comunidade, sendo assim negado o direito à educação dentro do ambiente tradicional da comunidade.

Quanto às acomodações, acesso a serviços de hospedagem e alimentação, os guias e as agências apontam uma perspectiva positiva, mencionando que os patizeiros oferecem um acolhimento tradicional e amigável. Além disso, observa-se uma avaliação positiva em relação à segurança no Vale do Pati, não havendo registros de violência na comunidade. No entanto, com relação ao atendimento de saúde e educação, a inclinação das respostas foi negativa, pois não há nenhum tipo de atendimento de saúde dentro da comunidade Gráfico 03.

### Gráfico 3

*Percepção por cada grupo pesquisado sobre a satisfação em relação à infraestrutura do Vale do Pati*





Fonte: Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023).

A infraestrutura do Vale do Pati reflete o esforço coletivo da comunidade diante da expansão do turismo, com melhorias feitas pelos próprios moradores para atender os visitantes. Apesar da ausência de água tratada e atendimento de saúde, há soluções locais como uso de nascentes e fossas individuais. A coleta de resíduos é realizada pelos residentes e guias, mas falta apoio institucional para gestão adequada. A educação é um ponto crítico, com crianças

estudando fora da comunidade. Em contraste, a segurança e a hospitalidade são bem avaliadas, reforçando o acolhimento tradicional. O cenário revela avanços impulsionados pela comunidade, mas ainda exige políticas públicas efetivas.

Também foi perguntado o que mais gostam no Vale do Pati Figura 03. As respostas destacaram aspectos ligados ao ambiente local, enfatizando a paisagem, a beleza natural e o reconhecimento dado pelos residentes, guias e condutores, o que ressalta um forte vínculo com o local, ou foi enfatizado em falas como: “tudo não há o que não gostar aqui” (Residente 02). Além disso, as interações com as pessoas do local, a culinária e as trilhas de longa duração, emblemáticas do *trekking*, foram aspectos mencionados como apreciados pelos respondentes dos questionários.

**Figura 3**

*Nuvem de palavras para cada grupo pesquisado sobre o que mais gosta no Vale do Pati*



**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023).

Em síntese o Vale do Pati é valorizado pelos quatro grupos entrevistados principalmente por sua natureza exuberante, paisagens marcantes e atmosfera de tranquilidade. Os residentes expressam um apego afetivo profundo ao local, enquanto guias, prestadores de serviços e agências de turismo destacam elementos como trilhas, cachoeiras, conexão com a cultura local e hospitalidade. Sintetizando um sentimento coletivo de pertencimento e admiração, evidenciando que o turismo na região está fortemente entrelaçado com o respeito à natureza e às relações humanas.

Com relação ao que menos gostam no Vale do Pati Figura 03, destaca-se que entre os residentes e trabalhadores, a expressão “não tem”. O acesso ao Pati é apontado como dificuldade. Os residentes também expressam frustração com o desrespeito às regras por parte de alguns turistas, especialmente aqueles que acessam o Pati sem a orientação de um guia ou agência, o que pode resultar em impactos negativos no ambiente natural. Por outro lado, guias e condutores apontam para o impacto ambiental causado pela atividade turística sem orientação, enquanto as agências ressaltam as preocupações com a alta temporada, durante a qual há um excesso de fluxo de pessoas, afetando a qualidade da experiência dos visitantes.

Figura 4

Nuvem de palavras para cada grupo pesquisado sobre o que menos gosta no Vale do Pati.



Fonte: Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023)

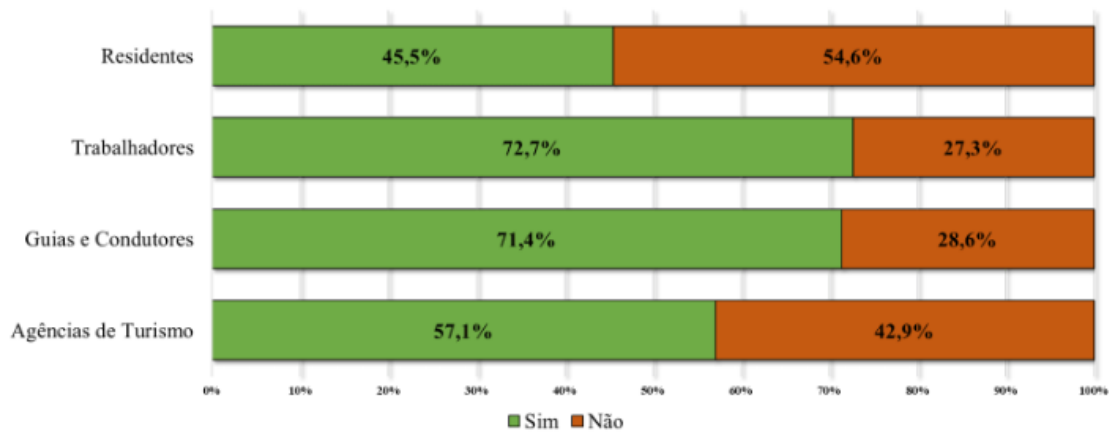
Desta forma, os principais incômodos relacionados ao turismo no Vale do Pati revelados pelos entrevistados estão ligados à falta de infraestrutura, desrespeito às normas locais e impactos ambientais. Um destaque para as respostas dos guias e agências com relação a atuação de turistas sem orientação como fator de degradação ambiental e sobrecarga durante a alta temporada, comprometendo tanto o ecossistema quanto a experiência turística. Esses pontos abordados nas respostas reforçam a necessidade de gestão mais integrada e responsável da atividade turística na região.

Quando perguntados sobre o que gostariam que estivesse disponível dentro do Vale do Pati, houve uma inclinação positiva significativa entre os trabalhadores 72,7%, guias e/ou

condutores 71,4% e agências de turismo 57,1%, todos expressaram um desejo por mais recursos, como segurança, escola, posto de saúde e avaliação de impactos ambientais (Gráfico 04).

#### Gráfico 4

Resultado sobre os aspectos que gostariam que tivesse dentro do Vale do Pati



Fonte: Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023).

Ou seja, fica evidente o desejo por melhorias estruturais e sociais no Vale do Pati, especialmente entre trabalhadores, guias e agências de turismo. Essa inclinação positiva indica que, além da valorização do patrimônio natural, há uma preocupação crescente com a qualidade de vida local e a sustentabilidade da atividade turística.

Por outro lado, embora menos de 50% dos residentes tenham respondido afirmativamente, eles destacaram a necessidade de um ponto de apoio para a saúde e a prevenção de incêndios, uma energia mais potente, cursos para os moradores, uma estrutura melhor de pontes e uma fiscalização mais efetiva. Essas necessidades coincidem com os desejos expressos pelos trabalhadores, guias e/ou condutores e agências Figura 5.



**Figura 5**

*Resposta sobre o que os trabalhadores, guias e/ou condutores e agências gostariam que tivesse dentro do Vale do Pati*



**Fonte:** Levantamento de campo. Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se uma diferença nas respostas entre os grupos estudados, que pode ser atribuída a fatores como o nível de escolaridade, cursos e formações nas suas respectivas áreas, o tempo de contato com pessoas de fora do Pati e o conhecimento de seus direitos e deveres para com a comunidade.

### 3.3 Lacunas e direcionamentos

A ausência de controle para entrada e saída de turistas no Vale do Pati pode acarretar impactos financeiros e econômicos significativos, resultando na perda de receita. Da mesma forma, a falta de planejamento no atendimento pode afetar negativamente a gestão do serviço, fundamental para a eficiência logística e para evitar prejuízos. “O fluxo de turistas é negativo para o meio ambiente e é positivo para nós, porque temos trabalho o ano inteiro, por isso que o controle seria bom” (Guia 02).

Segundo Fratucci, Moraes e Allis (2015, p. 12),

Conhecer, com alguma precisão, a dinâmica territorial dos fluxos turísticos (que, na prática, dizem muito sobre as mobilidades turísticas) pode ser uma forma de melhor estruturar a atividade – para o caso de se preverem políticas de controle (por exemplo, em áreas de proteção ambiental ou cultural, que apresentam um limite de utilização física) ou estímulo, por exemplo, espaços que podem vir a constar da política de desenvolvimento local, mas que não figura nos locais mais demandados pelos fluxos turísticos.

A falta de controle também gera impactos na gestão ambiental, pois sem esses dados é impossível mensurar os efeitos das atividades turísticas locais, a exploração dos recursos naturais e a quantidade de resíduos gerados. Esses aspectos poderiam, de certa forma, contribuir para a renda da comunidade.

O planejamento adequado também permite estudar a variação no número de visitantes, identificando os meses de maior e menor fluxo turístico. Isso possibilita uma gestão mais equilibrada da distribuição dos turistas e, conseqüentemente, da renda, garantindo que todos possam se beneficiar dos turistas que visitam o Vale do Pati.

É preciso avançar significativamente na promoção da colaboração coletiva já demonstrada pela comunidade. Nesse sentido, a realização de cursos, oficinas e palestras, bem como o estímulo à troca de conhecimentos e experiências entre os próprios moradores, são elementos fundamentais para fortalecer as práticas ambientais e preservar as tradições ancestrais. Fratucci, Moraes e Allis (2015, p.11) consideram ações direcionadas à formação, qualificação e atualização da mão de obra do setor. Além disso, torna-se imperativo incorporar na comunidade projetos que promovam a vivência e a permanência das crianças, especialmente durante seus primeiros anos de vida. É lamentável a ausência de políticas públicas educacionais dentro da comunidade.

Embora autores como Folmann (2021) e os respondentes reconheçam que o turismo no Vale do Pati se enquadra como Turismo de Base Comunitária, essa abordagem começou a se consolidar apenas após quatro décadas, com a comunidade assumindo um papel central. Inicialmente, os residentes dependiam exclusivamente de agências e guias turísticos. No entanto, esta pesquisa observou uma mudança significativa no trabalho turístico exercido na comunidade. Filhos e netos dos patizeiros estão se organizando para atender os turistas, fortalecendo o trabalho coletivo e comunitário e demonstrando um protagonismo renovado.

O Turismo de Base Comunitária é uma abordagem alternativa e inclusiva que não só atrai visitantes, mas também promove o bem-estar e a sustentabilidade da comunidade. Destaca-

se o crescimento do empreendedorismo local, com foco especial no trabalho feminino, incluindo atendimento online e presencial, atuação nas redes sociais e a criação de uma agência de turismo que oferece produtos como *souvenirs*, chaveiros, camisas personalizadas, além de produtos típicos dos patizeiros, como vinagre de banana, licores e mel. Esses roteiros exclusivos para o Vale do Pati proporcionam uma experiência única e ancestral, incentivando a sensibilização ambiental e cultural entre visitantes e moradores locais.

Essa evolução reflete não apenas uma mudança nas dinâmicas econômicas locais, mas também um fortalecimento da identidade cultural e do compromisso com a preservação ambiental na região.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar como a atividade turística é realizada e gerida no Vale do Pati foi desafiador, pois se trata de uma comunidade que vive em uma unidade de conservação que busca manter os costumes tradicionais e as regras impostas pelo órgão gestor. Além disso, a gestão e a realização das atividades turísticas nesta região envolvem diversos atores que buscam equilibrar a preservação ambiental com o desenvolvimento social e econômico.

A comunidade local, formada principalmente pelos residentes e trabalhadores, desempenha um papel crucial na gestão do turismo no Vale do Pati, oferecendo hospedagem em suas próprias casas e servindo refeições aos turistas de forma acolhedora, criando uma fonte direta de renda. Essa interação direta com os moradores enriquece a experiência turística, proporcionando aos visitantes uma compreensão mais profunda do modo de vida local.

Os guias locais proporcionam, além de segurança, a garantia de uma experiência única em contato com a natureza, seguindo regulamentos que visam proteger o ambiente natural, também ajudam a prevenir práticas que possam danificar o ecossistema local e fortalecer a Educação Ambiental.

As agências de turismo organizam pacotes turísticos, coordenam o transporte dos turistas até o Vale do Pati e colaboram frequentemente com guias locais e moradores para oferecer uma experiência completa. Dessa forma, ajudam a atrair turistas de diversas partes do Brasil e do mundo, contribuindo para a economia local.

O estudo permitiu uma análise de aspectos como planejamento e gestão, desenvolvimento de produtos turísticos, participação das partes interessadas, monitoramento e avaliação, educação ambiental, parcerias e cooperação foram fundamentais. Uma abordagem

holística e multidisciplinar foi essencial para compreender os desafios e oportunidades relacionados ao turismo local e garantir a sua conservação e sustentabilidade.

O turismo dentro do Pati ocorre principalmente com as parcerias entre as agências, guias e com a comunidade, que buscam promover um turismo sustentável e que possibilite benefícios financeiros. Os produtos turísticos, como as trilhas, passeios aos mirantes e às cachoeiras, o *trekking*, a culinária, entre outros, são oferecidos conforme o perfil de cada grupo, sendo organizados pelos próprios patizeiros, sem envolvimento do órgão gestor.

As atividades de baixo impacto transmitem a percepção de um ambiente bem preservado. Contudo, não é possível mensurar como o turismo e a presença da comunidade geram impactos ambientais, uma vez que não existem estudos de monitoramento e acompanhamento das atividades desenvolvidas no Pati. As análises baseiam-se apenas na percepção de moradores, trabalhadores e visitantes do Vale do Pati. Diante disso, recomenda-se a adoção de um controle de acesso principalmente por parte do órgão gestor, de modo que a atividade possa ser mensurada e considerada no planejamento do turismo, no manejo, na gestão de resíduos e na prospecção de geração de renda.

A educação ambiental na comunidade se manifesta de forma clara e vivenciada desde o início da trilha, sendo os guias e condutores responsáveis por esse cuidado. Nas casas dos moradores, os ambientes são limpos e bem cuidados, com placas de sinalização confeccionadas por eles próprios para orientar sobre o descarte do lixo, a retirada de plantas e animais, entre outras ações ligadas à preservação ambiental. Esse conjunto de práticas evidencia um conhecimento de educação ambiental transmitido de maneira natural.

Assim, a comunidade local busca manter seus costumes e preservar os recursos naturais, ao mesmo tempo em que promove um turismo responsável e consciente. A investigação sobre o turismo no Vale do Pati ressalta a necessidade de abordagens integradas e sustentáveis, voltadas para a conservação do ambiente natural e cultural.

De modo geral, os resultados deste estudo indicam satisfação quanto aos aspectos relacionados ao cuidado com o meio ambiente local. Recomenda-se que o ICMBio amplie o diálogo com a comunidade local, reconhecendo sua devida importância, especialmente na gestão, e fortalecendo a corresponsabilidade na conservação ambiental. À comunidade do Vale do Pati, sugere-se a continuidade das práticas sustentáveis e o fortalecimento das iniciativas coletivas que integram turismo e preservação. Para pesquisas futuras, recomenda-se o desenvolvimento de estudos sobre a capacidade de carga turística, o planejamento principalmente para uma distribuição mais equitativa da renda gerada pela atividade, além da

necessidade do aprofundamento de estudos relacionados ao turismo como o TBC quem vem consolidando na comunidade e o turismo regenerativo que pode ser uma nova possibilidade visando novas perspectivas.

Apesar dos desafios, a existência de parcerias colaborativas e a forte ênfase na educação ambiental oferecem uma base sólida para a sustentabilidade. Dessa forma, a experiência no Pati ilustra não apenas a importância de respeitar e proteger os ambientes naturais, mas também como a integração com a comunidade pode enriquecer a experiência turística, proporcionando benefícios mútuos e duradouros.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, T. C. (2014). *A experiência das visitas guiadas e autoguiadas: Um ensaio interpretativo pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – GO* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo.  
<http://dx.doi.org/10.26512/2017.07.D.24526>
- Almeida, J. R. de.; Suguio, K.; & Galvão, V. (2012). Geoturismo e turismo de aventura no Vale do Pati: Parque Nacional da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil). In M. H. Henriques, A. I. Andrade, M. Quinta-Ferreira, F. C. Lopes, M. T. Barata, R. Pena dos Reis, & A. Machado (Coords.). *Para aprender com a Terra: Memórias e notícias de Geociências no espaço lusófono*. Coimbra.  
<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31395>.
- Beni, M. C. (2007). *Análise estrutural do turismo* (12ª ed.). São Paulo: SENAC.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2007). *Ecoturismo: Turismo e ensino – Textos didáticos*. Ipsis.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2008). *Ecoturismo: orientações básicas* (Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação). Brasília: Ministério do Turismo.
- Brasil. (1993). *Lei nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993*. Dispõe sobre a profissão de guia de turismo e dá outras providências.  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18623.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18623.htm).
- Cezar, R. V. (2011). *Carta Geoambiental (1:50.000) e trilhas interpretativas da zona turística do Vale do Pati – Chapada Diamantina, BA* (Dissertação de Mestrado em Geociências e Meio Ambiente). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. <http://hdl.handle.net/11449/92758>
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. (2002). *Estudo sobre o turismo praticado em ambientes naturais conservados*.  
[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda\\_turistica/parques\\_naturais/downloads\\_parques\\_naturais/relatorioparques\\_29\\_06\\_06.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/parques_naturais/downloads_parques_naturais/relatorioparques_29_06_06.pdf).
- Folmann, A. C. (2021). *Trilhas de longo curso: valorização da paisagem, geodiversidade e geoturismo* (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.
- Fórum Econômico Mundial. (2017). *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2017*.  
<https://www.weforum.org/reports/the-travel-tourism-competitiveness-report-2017>.
- Fratucci, A. C., Moraes, C. C. de A., & Allis, T. (2015). *Espaços e territórios do turismo: reflexões e indagações*. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/46.pdf>.

- Herança do Pati. (2021). *Mash up ASCOPA* [Vídeo, 1 hora e 5 minutos]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IDM\\_jDs2yYY&ab\\_channel=ASCOPAAssocia%C3%A7%C3%A3ocomunit%C3%A1riadoPati](https://www.youtube.com/watch?v=IDM_jDs2yYY&ab_channel=ASCOPAAssocia%C3%A7%C3%A3ocomunit%C3%A1riadoPati). Acesso em 15 de março de 2023.
- Irving, M. de A.; & Moraes, E. A. de. (2019). Apresentação. In: Brasil. *Turismo de base comunitária em Unidades de Conservação Federais: caderno de experiências* (pp. 14-18). Brasília: MMA, ICMBio.
- Lindberg, K.; & Hawkins, D. E. *Ecoturismo: um guia prático para planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 1995. 157 p. ISBN 978-85-85496-06-7. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>
- Magri, T.C.S.; Carvalho, R.C.R.; Magri, R.A.F.; & Andrade, C.O.P. Mapeamento, classificação e certificação de rotas de trekking em uma área do Parque Nacional da Serra da Canastra (MG). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.11, n.4, ago2018/jan2019, pp.645-672.
- Maranhão, C.H.S.; & Azevedo, F.F. A Representatividade do Ecoturismo para a gestão pública do turismo no Brasil: uma análise do Plano Nacional de Turismo 2018-2022. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.12, n.1, fev/abr 2019, pp.09-35.
- Marback, H. F. *Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati: estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem* (Tese de Doutorado) (2018). Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30431>
- Morais, E. A. de, Guerra, M. F., Mendonça, T. C. de M., & Fenerich, G. N. (2024). Turismo de base comunitária em unidades de conservação de uso sustentável no Brasil: Para pensar práticas de gestão. *Turismo: Visão & Ação*, 26, 1–19. <https://doi.org/10.14210/tva.v26.19133>
- OECD. (2015). *O que é ecoturismo*. <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28936-o-que-e-ecoturismo/> Acessado em 15 de janeiro de 2023.
- Organização Mundial do Turismo. (2003). *International Network on Regional Economics – ENROUTE*. <https://www2.unwto.org>
- Pereira, D. R., Araujo, T. F. de A. de, Fontes, C. L. A., & Spinola, C. de A. (2024). O turismo regenerativo e o desenvolvimento sustentável: Desafios e oportunidades. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, 14(1), 90–107. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>
- Rodrigues, A. B. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. (1997) São Paulo: Hucitec.

- Rodrigues, M. L., *et al.* (2012). A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais. *Saúde e Sociedade*, 21(Supl. 3), 96–110. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000500008>
- Sampaio, C. A. C.; & Dallabrida, I. S. Ecosocioeconomia das organizações: gestão que privilegia uma outra economia. *Revista FAE*, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 17-33, jul./dez. 2009.
- SEBRAE. (n.d.). *O potencial do turismo de aventura para o ecoturismo*. Disponível em: <https://ecoturismo.sebrae.com.br/storage/midiатеca/documentos-16662064992702.pdf>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.
- Sousa, M. L. O.; Beckhauser, P. A.; & Spínola, C. A. (2023). *Lugar de mulher é onde ela quer estar: a experiência das condutoras de visitantes e brigadistas da Chapada Diamantina (BA)*. XX SARU Semana de Análise Regional e Urbana. <https://www.even3.com.br/anais/xxsaru/>
- Silva, P. H. O., & Spínola, C. A. (2018). Turismo de base comunitária: considerações conceituais e perspectivas de implementação em um bairro popular de Salvador-BA. *Caderno Virtual de Turismo*, 18(2), Artigo 1310. <https://doi.org/10.18472/cvt.18n2.2018.1310>
- Spínola, C. A. (2005). *Ecoturismo em espaços naturais de proteção integral no Brasil: o caso do Parque Nacional da Chapada Diamantina, Bahia* (Tese de doutorado em Geografia, Universitat de Barcelona). Espanha.
- WWF International. (2007). *Annual review 2007: A watershed year*. WWF International. [https://wwfint.awsassets.panda.org/downloads/wwf\\_annual\\_review\\_07.pdf](https://wwfint.awsassets.panda.org/downloads/wwf_annual_review_07.pdf)

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTA ARTIGO

Teixeira, J. V. B. C., Reis, R. B., & Souza, G. B. G. (2025). A atividade turística no Vale do Pati, parque nacional da Chapada Diamantina (Bahia). *Revista de Turismo Contemporâneo*, 13(3), 1099-1130. DOI 10.21680/2357-8211.2025v13n3ID40292

---